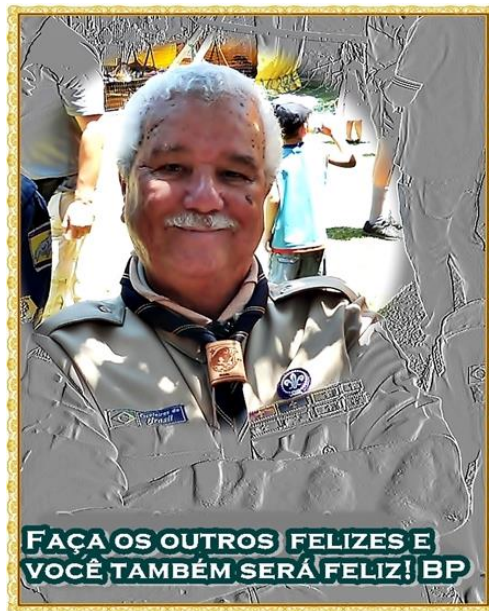


AS FABULOSAS AVENTURAS DO ESCOTEIRO JUQUINHA.



Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Prólogo.

Em todos os Grupos Escoteiros em alguma época tivemos um Escoteiro como Juquinha. Meio gordinho, sorridente, quer fazer de tudo e não tem condições devido a seu peso. Ama o escotismo. Na escola só fala nele e seus amigos já dizem logo - Lá vem Juquinha e suas fantasias escoteiras. Fantasias? Risos. Verdade, Juquinha é um mestre em fantasiar e sonhar. Mas não deixa de ter seu valor, pois na patrulha todos gostam dele.

Juquinha tem um dom além de sonhar, é um maravilhoso cozinheiro. Foi o primeiro que eu saiba a construir fornos em acampamentos. Seus bolos de chocolate e de laranja ficaram na história.

Aqui escrevemos algumas de suas aventuras. Puro no seu pensamento nas suas palavras e nas suas ações Juquinha só fez amigos e nunca inimigos.

Espero que se identifiquem como o Escoteiro Juquinha. Um jovem honrado e que na sua ingenuidade sempre achou que nunca mentiu.

MINHA DEDICATÓRIA A TODOS OS ESCOTEIROS QUE TEM O ESPIRITO ESCOTEIRO NO CORAÇÃO COMO JUQUINHA. SE VOCÊ É ASSIM MEUS PARABÉNS!

Capítulo I

O Escoteiro Juquinha no vale dos sonhos.

"Não é preciso estar no pico da montanha para sentir o ar puro da manhã. Ele está presente na ponta da janela que se abre para um novo dia toda vez que o coração transpira pela ansiedade. Na sinfonia infinita da vida. Não é o mesmo que eu quero. Quero apenas sentir que a uma razão para viver quando se acorda a cada manhã. Ame a vida, pois na vida a alguém que ama você".

Acredito que vocês conhecem alguém como Juquinha. Ele é aquele que não para quieto nas formaturas, está sempre rindo, adora o escotismo, é o primeiro a chegar e o último a sair. Inconfundível. São nossas alegrias quando aos sábados encontramos aqueles jovens maravilhosos querendo ser cidadãos, valorosos, sonhadores, enfim, qualidades reconhecidamente de escoteiros espalhados por todo o mundo. Claro, tenho certeza que existem vários Juquinha em seu Grupo Escoteiro.

Juquinha era bem gordo para sua idade. Apenas doze anos. Na patrulha o chamavam de "meio quilo". Porque não sei. Deveria ser "uma tonelada". Não era tão rápido como os demais, se esforçava para não ser o último. No entanto sempre era o último. A patrulha não se incomodava com isto. Gostavam dele e acostumaram ao seu jeito de ser. O que mais preocupava a patrulha era quando saiam para alguma atividade externa, onde sem transporte móvel, só podiam usar o "ETVV" (Empresa de Transporte Viação Vulcabras - antiga marca de sapato usado por escoteiros exploradores). Ou seja, a pé mesmo.

Sempre paravam para esperá-lo quando havia uma distância de mais de 50 metros. Aguardavam e Juquinha chegava suando, mas sorrindo. Era uma de suas qualidades. Por duas vezes, quando estavam indo em uma

excursão a Serra do Curral, uma subida forte de uns dois quilômetros, esperaram por Juquinha em uma curva e após mais de meia hora, Lino, o Sub Monitor e Peri um escoteiro mais antigo voltaram para procurá-lo.

Desceram mais de quinhentos metros e nada do Juquinha. Começaram a ficar preocupados e foi então que o avistaram. Estava deitando em cima do capim gordura e algumas samambaias, bem altas por sinal fazendo de sua mochila um travesseiro e roncava gostosamente. Não era sempre que isto acontecia. Além de comer demasiado, Juquinha na véspera de alguma atividade, ficava tão aceso que mal dormia só pensando no dia seguinte. Nesta última, foi dormir após as três da manhã, não sem antes contar mais de 8.000 carneiros pulando a cerca. (diziam ser bom para os que tem insônia)

Claro, todos sabiam de sua dificuldade em acompanhá-los, mas eles gostavam muito de Juquinha. Ele era parte da patrulha e quando por um motivo ou outro não estava presente, todos sentiam muita falta dele. Em acampamentos se tornou um excelente cozinheiro. Nas horas de folga, não dava folga a si mesmo, buscando aqui e ali, a lenha necessária para o seu adorável fogão de barro e guardava com boa proteção de chuva ou o orvalho da madrugada.

Um dia disse que ia fazer um bolo de chocolate em um acampamento. Vou fazer e depois farei um pudim com caldas de caramelo. Todos riram e duvidaram. Juquinha passou vários meses planejando. No sítio do Marinho, um amigo da patrulha treinou por várias vezes. Com sua mãe não deu sossego enquanto ela não fizesse com ele o bolo. Isso por mais de cinco vezes.

No acampamento de tropa não disse nada a ninguém. Levou tudo que precisava para fazer o Bolo de Chocolate. Seriam quatro dias, aproveitando um feriado prolongado. A tropa não perdia um. No primeiro dia, Juquinha explorou as redondezas, a procura de um local apropriado. Encontrou a 100 metros do campo da patrulha uma pequena elevação ideal para fazer o seu forno. Nas horas de folga corria até seu forno e trabalhava nele sem parar. Sempre escondido. Pretendia fazer uma surpresa a todos.

Juquinha montou um contorno de um forno na elevação. Fez isso devagar, mas em menos de duas horas ficou pronto. Começou a abrir o miolo com calma, pequeno no início e crescendo até atingir o ponto ideal para

colocar a forma. A massa não seria difícil de fazer. No primeiro dia, o forno ficou pronto. Juquinha até ficou surpreso. Achou que iria demorar mais. Atrás da elevação ele cavou uma pequena abertura e lá colocou um bambu verde, que dava comunicação com o forno.

No segundo dia, levantou cedo. Bem cedo, primeiro que todos. Foi até sua amada edificação, com gravetos e algumas achas já rachadas (era perito em corte de lenha) e colocou fogo no forno. Viu que saia fumaça da chaminé que fez e ficou preocupado que descobrissem. Como o vento soprava ao contrário do campo de patrulha, achou que não descobririam. Após o almoço, a limpeza do campo e do vasilhame, as patrulhas foram reunidas para um grande jogo, que seria realizado num perímetro de mais de dois quilômetros fora do acampamento. Juquinha fingiu uma dor de cabeça para ficar na barraca descansando.

Todos saíram e Juquinha correu até a cozinha da patrulha e em pouco tempo preparou a massa. Colocou-a na forma e saiu rápido rumo ao seu forno. Ele estava bem quente. Juquinha colocou mais algumas achas nas laterais e assentou a forma bem no meio. Já tinha preparado com cipós trançados e barro, um fechamento da abertura do forno.

Juquinha ficou ali por cinquenta minutos. Abriu a tampa e viu seu bolo saindo pela borda, já dourado e com um pequeno e fino galho, viu que estava bem assado. Juquinha riu de prazer. Sabia que o bolo estava uma delícia. Com um pano de prato, retirou a forma e a levou até a cozinha de sua patrulha. Retirou todo o recheio da forma com cuidado, colocou em um prato largo que tinha levado. Deu três passos atrás e olhou com orgulho o seu feito. Uma grande palma escoteira foi ouvida. Toda a tropa estava ali escondida e esperando que Juquinha desse seu sorriso já conhecido. Tinham-no visto preparando tudo e resolveram fazer uma surpresa.

Todos correram a abraçá-lo e o chefe o parabenizou. Falou algumas palavras a Juquinha que ele nunca mais esqueceu. Disse que ele era um pioneiro a fazer um bolo em acampamento. Agora todos poderiam aprender com ele. Seria um feito comentado por muitos anos, até por grupos de todo o país. Juquinha não cabia em si de orgulho. Disse para si mesmo e para sua patrulha que a perseverança e a tenacidade, fazem parte de todos escoteiros. Comeram do bolo com apetite e vontade de quero mais.

Claro, Juquinha tinha se tornado um perito em fornos e sua fama se espalhou. Fazia bolos de diversos tipos e um delicioso pudim

caramelado de dar água na boca. Mas não só de manjares e pitéus deram fama a Juquinha. Ficou conhecido pela sua enorme capacidade imaginativa. Em maio passado sumiu de um acampamento, logo pela manhã, após a inspeção diária. Desta vez, seu sumiço foi longo. Muito longo. A preocupação foi geral. Pararam tudo para as buscas.

O monitor disse que Juquinha comentara de um sonho seu a noite. Disse que na escarpa próxima ao acampamento, existia um vale dos sonhos e convidou a todos para conhecer. Riram. Mas Juquinha falava sério. Agora uma busca completa estava sendo realizada nas Escarpas Pantaneiras como eram conhecidas. As buscas foram até às quatro da tarde. Estavam desistindo e o chefe pretendia pedir ajuda da equipe de salvamento dos bombeiros. Idéia que não agradava a ninguém. Nunca isto aconteceu antes.

Juquinha, logo após a saída de todos para um adestramento de base, onde seria colocado o conhecimento das patrulhas em orientação sem bússola, principalmente à noite com as estrelas conhecidas e reconhecer a posição de Beta e Épsilon onde se torna mais fácil seguir um rumo. Juquinha se escondeu e tomou o caminho das Escarpas Pantaneiras. Queria provar a todos da existência do Vale dos Sonhos. Quem sabe o que encontraria lá. Colocou seu cantil, sua faca escoteira e nem sua bússola Silva velha de guerra levou.

Partiu em busca dos seus sonhos. Tinha a certeza que era verdade. Não demorou mais que uma hora para chegar próximo, onde um regato de águas cristalinas, corredeiras pequenas, pequenos lambaris pulando, brincavam de esconde-esconde. Juquinha não sabia onde era a entrada para o vale. Procurou por mais de duas horas. Cansou-se e como sempre foi tirar seu cochilo em uma pedra grande, onde o sol não batia. Juquinha dormiu. Dormia fácil.

Tinha certeza que estava vendo um Veado-campeiro. Não havia dúvidas. Olhava para Juquinha com uma maneira peculiar. Não tinha medo. Levantava e abaixava a cabeça como a dizer - siga-me! - Juquinha não se fez de rogado, atravessou o riacho e seguiu o animal, que olhava para trás e para frente, dando pequenos saltos harmoniosos. Andaram pouco. Entraram um bosque bem espesso.

Juquinha viu a sua frente uma enorme gruta. Tinha trazido sua lanterna de bolso e entrou sem medo. A luz do sol já não entrava mais na parte que Juquinha estava. Não se intimidou e foi em frente. Em pouco

tempo e uns trezentos metros percorridos viu um clarão mostrando outra saída. Deslumbrante! Juquinha jamais tinha visto um local como aquele. Um lindo e enorme vale colorido, com árvores anãs, cheias de frutas, e impossível! Na mesma árvore nasciam goiabas, mangas, laranjas, maçãs e peras.

Juquinha ficou embasbacado. Estranho, estranho mesmo. Não era fatível. A lógica não dava razão pelo que seus olhos viam. Pegou uma maçã e deu uma mordida. Meu Deus! Que maçã gostosa! Impossível! Nunca tinha comido uma assim. Juquinha sorriu e foi em frente. Parou estático quando a sua frente um enorme Leão apareceu. Estou perdido pensou. O Leão se aproximou e fez uma mesura para ele, e sorriu. Leão sorrindo! Se contar ninguém vai acreditar. O Leão abaixou e Juquinha entendeu que era para montar. Assim o fez. Cavalgaram por quase meia hora.

Juquinha avistou um grande vale colorido, onde arcos Iris brilhavam em todos os lugares, nas mais lindas cores nunca vista. Viu então várias e lindas fadas, com suas asinhas azuis a voejarem em sua volta. Maravilhoso pensou Juquinha. Elas o conduziram por um caminho florido, onde abelhas cor de mel e diversos beija-flores não paravam de voar. Viu pássaros nunca antes visto - Inhambus, pica-paus, macucos, azulona, mergulhão caçador, tesourão, saracura-do-mato, canários de todas as cores. Uma infinidade. Impossível descrever todos.

Juquinha estava deslumbrado. Ficou mais ainda quando viu uma enorme cascata, com peixes em profusão e pode ver os abotoados, bicuda, curimbatá, jaú, pacu, piapara, traíra e tucunaré. Não dava para ver tudo, eram centenas a subir a cascata, saltitando como se fosse um lindo balé representando a mais sublime dança do amor. Ao lado, sentados e sorrindo, alguns cantando, Juquinha viu diversos escoteiros, como ele, gordos, mas muito bem uniformizados e batendo palmas com sua chegada. Palmas escoteiras, transtudo, cubanas, aviãozinho, marcha-ré, trenzinho, escocesas, estouro da boiada, um dedinho e um grande e enorme graaatô, Gratíssimo. Enfim tudo ali era maior que tudo que tinha conhecido.

Dois escoteiros, com vários distintivos que ele não soube precisar, a não ser o Liz de Ouro, cordão verde amarelo, dourado e centenas de especialidades, o cumprimentaram e assim como eles, Juquinha não andava. Levitava acima do chão alguns centímetros. Um grande círculo foi feito, e o que parecia ser o monitor de todos eles, deram as boas vindas a Juquinha.

Uma canção suave, parecida com a Arvore da Montanha, era tocada por violinos, e o coro dos papagaios azuis era entoado de maneira espetacular.

Juquinha sorria, cantava junto a eles. Esqueceu-se de seus amigos, de sua patrulha, de sua tropa. Tinha esquecido até de sua família. Alguém o cutucava e ele se sentiu incomodado. Virou para quem o azucrinava e ia dar uma bronca quando reconheceu Romildo seu monitor. Espantou por vê-lo ali. Já ia perguntar quando toda a tropa apareceu. Viu que estava começando a escurecer e então, e então, só você mesmo Juquinha. Tinha dormido toda à tarde. Viu que tinha sonhado e sabendo da bronca que ia levar, pensou com seus botões que tinha valido a pena.

Afinal, Juquinha mesmo em sonhos, tinha encontrado o seu Vale dos Sonhos, ou agora Vale Encantado dos grandes escoteiros. Preferiu não contar nada do que viu. Não iam acreditar nele. Voltaram para o acampamento e tudo retornou ao normal. Agora Juquinha além de excelente cozinheiro, além é claro de grande escoteiro, era também como o "Apanhador de fantasias nos campos do Vale dos Sonhos". Ele gostava quando o lembravam disto. Afinal Juquinha era um sonhador, aquele que faz do seu sonho a realidade por toda a vida.

Juquinha cresceu. Tornou-se um Pioneiro. Seu corpo agora era admirado por todos. A gordura se transformou em músculos. Há tempos que não vejo Juquinha. Nos aqui do 882º Grupo Escoteiro Walt Disney sentimos saudades dele. Suas historias ficaram para a eternidade. Serão conhecidas por todo aquele que pertencer a Fraternidade Mundial dos Escoteiros.

Como disse no inicio seu grupo também deve ter um Juquinha. Vocês sabem do valor de alguém como ele. Deixem-no viver sua vida e sonhar, isto vai fazer bem. Ouvirão sempre grandes histórias. Aqueles que são mais volumosos do que os demais, são mais sonhadores. Planejam seus sonhos nós ínfimos detalhes.

Eu gostaria de ter sido como Juquinha. Fui de sua patrulha. O admirava. Seus feitos foram escritos por mim, nas anotações do livro da patrulha. Eu era o escriba e mais que nunca seu confidente. Nunca esqueci o Juquinha. Soube que ele se tornou um aventureiro, em busca de ouro e diamantes na floresta Amazônica. Não sei se vai achar alguma coisa, mas era seu sonho e sua aventura. Um dia quem sabe, ele retorna e vai me contar sobre A tribo das mulheres guerreiras que habitam o alto Rio Negro. Quem

sabe vai dizer como é o por e o nascer do sol no pico da Neblina onde a garça branca tem seu ninho.

Um dia visitei seus pais. Já velhos, mas com um brilho nos olhos quando falam de Juquinha. Disseram-me que no ano anterior, estava explorando a nascente do Rio Amazonas, aquele que corta todo o norte da América do Sul, e que tem o maior volume de água de todos os rios existentes. Estava em sua nascente, no rio Apurimac próximo a Cordilheira dos Andes.

Muitos anos se passaram. Mas eu não esqueço Juquinha. Gostaria de um dia tornar a vê-lo. Quem sabe? O mundo dá tantas voltas que posso virar uma esquina e encontrá-lo. Que Deus me ajude que seja verdade. A saudade dele é muita. Olhe, não esqueça. Dê meu abraço e um grande aperto de mão ao Juquinha de sua patrulha. Tenho certeza, ele é o orgulho da Tropa de Escoteiros e que mantém viva a chama de aventura que todos somos possuídos. Isto é nosso. Temos este direito. Somos Escoteiros!

Como é lindo, Senhor, poder enxergar com estes olhos que me destes, poder sentir a natureza entrando pelos meus poros, me envolvendo e dizer:

"Deus existe, olhai e vede a lua cheia ou minguante, o sol forte ou fraco, as árvores, com suas folhas embaladas pelo vento, vento esse que nos refresca e embeleza ainda mais as coisas que movimenta. E as águas? Ah! as águas, tão frescas, tão poderosas e tão necessárias à vida."

Vida, resumo da natureza!

Olhai e bendizei a natureza, pois ela, irmãos, é muito mais importante do que tudo que estais acostumados a admirar e comprar...

"Diário de bordo: data estelar 1513.1. Nossa posição, órbita do planeta M-113. A bordo da nave Enterprise, Sr. Spock, temporariamente no comando. No planeta, ruínas de uma civilização antiga e parece que alguns escoteiros estão lá fazendo acampamento. Nossa missão, saber quem são estes tais de escoteiros".

O Escoteiro Juquinha e sua fantástica viagem a bordo da USS Enterprise.

Não tem jeito. Juquinha não deixava de sonhar. Vocês já devem conhecê-lo. Alguém o descreveu como um Escoteiro sonhador, vivendo nas

nuvens e procurando viver o impossível. Ele um dia disse que foi no Vale dos Sonhos, onde encontrou escoteiros como ele, vivendo em um lindo local cheio de arco íris, pássaros, muitos peixes e animais vivendo pacificamente. Depois fez uma incrível boa ação na noite de natal. Agora conta para toda a sua Patrulha que pretende viajar na nave USS Enterprise do filme Jornada nas Estrelas. O Monitor da Patrulha e o Chefe por diversas vezes disse a ele que era apenas um filme, uma série com histórias de ficção científica. Juquinha sempre foi gordo, não tanto, mas bem rechonchudo. Era um amigão na Patrulha. Pau para toda obra. Infelizmente devido ao seu corpanzil não conseguia acompanhar a patrulha. Nunca desistiu. Mesmo ficando para trás nas jornadas ele parava, descansava e prosseguia.

Nos acampamentos tentaram para ele varias funções na Patrulha. Aguadeiro, bombeiro, lenheiro e até intendente. Nada. Acertaram quando fizeram dele o cozinheiro. Excelente. Todos adoravam e até a chefia que não fazia refeições com as patrulhas de vez em quando lá estavam para comer o que Juquinha tinha feito. Ficou famoso quando aprendeu a fazer fornos de barro e surpreendeu a Patrulha com um belo bolo de chocolate. Agora só vivia falando na tal viagem interestelar. Quando chegava a sede dava o Sempre Alerta a todos e remendava - Vida longa e próspera! Assim cumprimentava o Senhor Spock ele dizia.

Em um acampamento achou uma bela casca de uma arvore, cortou em forma de quadro e escreveu - "Audaciosamente indo, onde nenhum homem jamais esteve". No fogo de Conselho, recitou para todos em forma de história como era a nave e o nome dos seus personagens. Capitão Kirk, Senhor Spock, Leonard Mc Koy (o médico) o Senhor Scott o engenheiro da nave, Sulu o timoteiro, Uhura a oficial de comunicações e o navegador russo o senhor Chekov. Contou rindo que uma vez a nave visitou o Brasil e em cima da Baía da Guanabara se chocou com um Urubu e teve que fazer um pouso forçado. O Dr. Mc Koy perguntou: - Que país é este? Todos deram belas risadas.

Em casa sua mãe estava preocupada com sua nova "trekkers mania", pois Juquinha ficava em seu quarto o dia inteiro lendo tudo que encontrava sobre a série criada por Gene Roddenberry. Apesar de suas notas escolares serem sempre as primeiras ela comentou com seu pai sobre sua nova mania. Ele uma pessoa calma e sempre amigo de Juquinha, disse para ela não se preocupar. Era uma mania que logo ia passar como todas as outras que ele

um dia também sonhou. Todo dinheiro que ganhava limpando carros, quintais e fazendo aqui e ali trabalhos manuais, Juquinha procurava a loja de Souvenir e comprava uma miniatura ou alguma lembrança da série. Refez todo seu quarto como se fosse a Ponte de Comando da nave. Juquinha estava mesmo obcecado. Claro o escotismo fazia parte da sua vida, mas ele queria mesmo era ficar pelo menos algumas horas passeando na Enterprise.

Juquinha tinha os pés no chão. Ele mesmo não duvidava disto. Sabia que era um desejo impossível, mas assim como um dia foi ao Vale dos Sonhos, porque não podia também ir à nave? E assim o tempo foi passando. Juquinha sonhando, indo a escola, nos escoteiros, acampando, excursionando, fazendo aquilo que gostava. Mas sua mente estava voltada sempre para o Capitão Kirk. Não foi ele quem disse que nunca deixe de aprender? Não era ele que tinha centenas de livros em seu alojamento na nave e dizia que todos devem sempre buscar novos conhecimentos? Em uma reunião de Patrulha ele disse para o Monitor Roberto - "Roberto, uma das vantagens em ser um Monitor, um líder, é ser capaz de pedir conselhos, claro sem necessariamente ter que segui-los"! Risos. - E quem disse isto? Perguntou Roberto - O capitão James Kirk.

- Juquinha não parava de falar. - Ele para mim disse coisas muito importantes para os escoteiros. Um dia na Ponte de Comando quando uma nave amiga dos Romulanos se aproximou da Enterprise, ele falou para toda a tripulação - "Precisamos saber explorar mais e aprender". Incentivar a criatividade e a inovação, ouvindo os conselhos das pessoas que tenham opiniões diferentes. Precisamos ocasionalmente descer nas trincheiras com os membros da nossa equipe para entender suas necessidades e conquistar sua confiança e lealdade. Também, aprender a mudar radicalmente quando as circunstâncias assim o exigir. Todos ficaram estupefatos com as palavras de Juquinha.

Em casa sem ninguém saber pediu a Dona Laurinda costureira que fizesse o uniforme Dourado dos tripulantes da nave, isto porque ele se achava que devia frequentar a Ponte de Comando e só eles usavam o dourado. E assim a vida de Juquinha ia vivendo. Todos aprenderam agora sua nova mania, sua nova loucura e riam muito de tudo. Até um tricorde (comunicador) que dizia servir para um teletransporte ele comprou. Um acampamento na Fazenda Ouro Negro de um pai de um Escoteiro de outro grupo foi o melhor que aconteceu na vida de Juquinha.

Aproveitaram as férias de julho e ficaram por lá cinco dias. Claro, Juquinha viu ali a oportunidade de sua vida. Quem sabe ao caminhar pelo bosque, ou pela pequena floresta de pinheiros ele se encontrasse com o Capitão Kirk? Ou mesmo com o Senhor Spock? Enquanto isto não acontecia a Patrulha de Juquinha fez miséria em seu campo. Duas barracas suspensas uma em cima da outra. Um belo refeitório, com uma mesa firme e bancos reclináveis. Tudo fora bem bolado. As tampas das fossas eram aberta automaticamente com os pés, com cipós entrelaçados fizeram uma linda esteira que colocaram no pórtico, por sinal com mais de três metros de altura e lá em cima uma torre de observação.

No terceiro dia pela manhã, o Assistente entregou para os monitores uma carta prego. Para ser aberta às 14 horas em ponto daquele dia. Um alvoroço. O que seria? Sempre fora assim com as cartas prego. Todos ansiosos esperando às duas da tarde. Juquinha fez um almoço dos Deuses. Um arroz soltinho, uma bela polenta com carne moída e ainda mostrou a todos os doces de leite que tinha feito. Almoçaram, limparam o vasilhame e esperaram a hora certa de abrir a Carta Pregro.

Duas em ponto. Aberta a carta dizia - Vocês tem 10 minutos para separarem o seguinte material e partirem rumo a sudoeste, até atingir a base do morro das Palmeiras. Devem levar - Um caldeirão, pratos, talheres, tudo para fazerem uma sopa de macarrão. Devem chegar lá por volta de 16 horas e trinta minutos. Montem uma cabana com capim colônio, pois lá tem muito e uma equipe deve transmitir de vinte em vinte minutos por semáforas, tudo que está vendo do alto da serra e o que vocês estão fazendo. As 18 hs, fazer uma sopa que deve ficar pronta impreterivelmente às 19 horas. Todos devem jantar e guardar o material mesmo sem lavar, pois a água utilizada será dos cantis.

Uma carta prego no ponto. Das boas como se diz. E no final da carta dizia - Às 20 horas iniciaremos a competição de Morse, com todas as patrulhas transmitindo ao mesmo tempo. Ganha a que conseguir decifrar o maior número de mensagens e também passar o maior numero para as demais patrulhas. Às 21 horas e trinta minutos iniciar descida. "Às 23 horas devem estar de volta e iremos fazer um Conselho de Tropa para analisar o grande jogo realizado". Beleza! Sabiam que iam tirar de letra. Lembrou-se de Juquinha. Ele não conseguiria acompanhar na subida. Não tinha erro. Ele

sabia o caminho e disse que mesmo que ficasse para trás que eles não se preocupassem. Ele chegaria.

No horário determinado partiram. Nem bem andaram dois quilômetros e Juquinha começou a ficar para trás. Tudo bem, ele sabia de cor e salteado o caminho e era dia ainda com muito sol. Juquinha parou por duas vezes. Menos de dez minutos cada uma. Quando faltava setecentos metros para atingir o ponto determinado ele sentiu-se cansado. Melhor parar e quem sabe um cochilo de dez minutos? Nem bem começou a cochilar levou o maior susto. Eis que surge a sua frente nada mais nada menos que o Senhor Spock! Impossível! Não podia ser ele. Mas o uniforme, suas orelhas pontudas e o olhar enigmático não deixava a menor dúvida.

- Meu nome é Doutor Spock, não sei onde estou. Quem é você?

- Cacilda! O Doutor ou senhor Spock falando português?

- O senhor está no planeta terra, em um país chamado Brasil.

- Spock franziu a testa, fez um gesto no seu tricorde e falou - Capitão, aqui tem um garoto com um uniforme esquisito e diz que estamos no planeta terra. - Pois não capitão. Iremos agora. Spock pegou no seu braço e disse que ambos iriam ser teletransportados para a nave Enterprise. Urra! Disse Juquinha. Em segundos chegaram à sala de teletransporte. Foram direito para a Ponte de Comando. Juquinha estava de boca aberta. Nossa mãe! E não é que consegui? - Entraram e ele avistou a sala de comando. Era o máximo. Na parte central, num nível mais alto ficava a cadeira de comando e lá estava ao capitão Kirk. Logo a sua frente em diversos comandos, Chekov e Sulu. Hhura em um computador da última geração estava como sempre responsável pelas comunicações. O Doutor Spock (ele achava que era Senhor Spock) disse - Kirk encontrei este mocinho.

Juquinha olhava espantado para o Capitão Kirk. - Quem é você? Ele perguntou. - Juquinha, Cozinheiro da Patrulha Raposa. Kirk olhou para Spock que franziu a testa. - Escoteiros. Agora me lembro disse Spock. Em 1900 um General Inglês chamado Robert Stephenson Smyth Baden Powell na Inglaterra. Parece-me que era um movimento de jovens. Cresceu tanto que em menos de 30 anos passaram dos trinta milhões no mundo. - Kirk olhou para Juquinha. E vou lhe dizer mais Kirk, os maiores astronautas americanos eram escolhidos a dedo e era exigido ser Escoteiro além de possuir uma tal Eagle Scout. Acho que devemos a eles o início da era espacial.

Kirk ia falar quando Chekov gritou alto. - Uma nave Klingons se aproxima. - Chekov, podemos nos esconder neste planeta? - Muito interessante senhor. — responde Sulu, ocupado em manter a Enterprise nas proximidades da parte mais densa dos anéis sem permitir que a nave seja capturada por uma das naves Klingons. Acho que não senhor me preocupa a gravidade do planeta gigante e, também, sem perturbar demais o movimento natural dos blocos de gelo o que poderia conduzir a um desastre.

Mantenha o rumo. Diminua para dobra quatro. Ligue o alerta para toda a tripulação. - Kirk virou para Juquinha e disse - Bem vindo da bordo da Enterprise, mas não podemos ficar com você aqui jovem escoteiro. Uma frota dos Klingons se aproximando e vamos ter que enfrentá-los. Juquinha tentou argumentar, mas Chekov o pegou pelo braço e em minutos estavam na sala de teletransporte. - Desculpe jovem, mas aqui vai virar um inferno daqui a pouco. Estará melhor na terra.

Nem deu tempo para Juquinha falar nada. Em segundos lá estava ele no mesmo ponto onde tinha tirado um cochilo. Juquinha estava boquiaberto. Afinal ele conseguiu ir na nave USS Enterprise. E o melhor conheceu a nata da tripulação. Pouco importava se acreditassem ou não. Levou o maior susto. No chão estava um uniforme completo dos tripulantes da nave. Um tecido especial que só seria fabricado 4.000 anos depois. E agora? Pegou sua mochila e cantando seguiu morro acima.

Juquinha não comentou nada com a Patrulha. Ele era um bom sinaleiro e assumiu o posto de sinais. Os demais ficaram cumprindo as determinações da Carta Prego. Foi maravilhoso. Fez uma sopa que todos repetiram e não sobrou nada. Não era bom em Morse. Ficou como estafeta. Retornaram todos juntos. Para baixo todo santo ajuda. O acampamento foi o máximo. Juquinha queria comentar sobre sua viagem na Enterprise. Preferiu calar. No fogo de Conselho resolveu vestir o uniforme da nave. Encantado viu que ele se acertava sozinho em todo seu corpo. Todos admiraram e quiseram saber onde comprou. Dona Laurinda, a costureira fez, e riu.

Quase ao terminar o Fogo do Conselho pediu para ser o Contador de Histórias da noite. Começou contando sua viagem na nave Enterprise. Contou como ela era. Contou sobre a ponte de comando. Descreveu o Capitão Kirk e o Doutor Spock. Falou de todos que lá e estavam. Explicou que mandaram ele de volta por causa de naves Kingston que iriam enfrentar. Contou de maneira tal que todos prestaram muito atenção. Quando terminou

recebeu uma palma cubana forte e gritante. Riu de alegria e quando já ia sentar, viu que em um bolsos da sua camisa estava um tricorde bem pequeno. Ele deu um sinal longo e uma voz cavernosa falou - Adeus meu caro Juquinha, um Escoteiro. Que fala é o Capitão Kirk. Continue sempre um grande Escoteiro. Tenho certeza que um dia poderá ser um de nós em uma nave espacial. Estamos chegando no Sistema Estelar de Bernal. Um dos onze planetas, Bernal IV da classe M. Vamos descer e ajudar uma população nativa e humanoide assim como vocês. Os Kingston fugiram. Seja feliz Spock disse que achou você um jovem de ouro.

O tricorde se calou. A tropa estava calada e assustada. Ninguém falou nada. O Chefe olhava para Juquinha e perguntou. O que é isto? Juquinha riu e disse - apenas uma gravação do capitão Kirk. Nada mais que uma gravação. E começou a dar belas gargalhadas fazendo com que toda a tropa o acompanhasse. E ele rindo junto com seus amigos em sua barraca disse - "Não importa aonde vá, lá você está e é bom ter um pretexto para apreciar a paisagem de vez em quando"!

Bem vindos a bordo da Enterprise!

"Espaço, a fronteira final. Estas são as viagens da nave estelar Enterprise em sua missão de cinco anos em busca de estranhos novos mundos, novas vidas e novas civilizações. Audaciosamente indo onde nenhum homem jamais esteve."

As aventuras do Escoteiro Juquinha e o malvado Topyath, o Gorila Imortal.

Juquinha está de volta. Depois de suas estripulias no Vale dos Sonhos e quando resolveu fazer uma festa de natal para uma família pobre, ele volta agora a toda. O mesmo Juquinha. Ainda gordinho. Ainda sonhador. Mas aquele Escoteiro que não desiste nunca. A patrulha já não levava tão a sério seus sonhos impossíveis. Respeitar sim. Juquinha todos sabiam tinha um coração de ouro. Sempre a dividir o que tinha com alguém. Lino agora era o monitor da Patrulha. Romildo passou para os seniores. Todos conheciam suas qualidades na cozinha. Diziam a boca pequena que era o maior cozinheiro escoteiro de todos os tempos. O único que fazia belos fornos nos

acampamentos e claro, deliciosos bolos de chocolate, baunilha e tantas gostosuras quem sabe melhor que em suas casas.

A Patrulha estava em reunião. O Chefe da Tropa deu vinte minutos para que eles dessem continuidade nas etapas de progressão. Muitos estavam atrasados. Um ensinava o outro e Lino o Monitor ensinava a todos. Juquinha pediu a palavra. Sempre fora muito educado. Nunca gritou ou foi indelicado com ninguém. - Monitor: - Eu fiquei sabendo que lá na Colina dos Pastores tem uma gruta enorme. Sei de fontes fidedignas que nesta gruta está enterrado um "Velho" baú cheio de tesouros incríveis. Têm taças, colares, cruzes de ouro, tudo o que se podem pensar, fora as pedras preciosas. Queria propor a Patrulha ir lá acamparmos no próximo feriado. Tiramos uma tarde e vamos explorar a gruta e quem sabe voltaremos ricos? - Todos deram boas gargalhadas. Neneco um Escoteiro novato deu um tapinha em suas costas e disse - Só vou se você fizer um gostoso bolo de chocolate! E todos caíram na risada.

O Chefe Carlos ficou sabendo da conversa de Juquinha. Ele estava de olho nele. Juquinha na última vez que sumiu em busca do tal Vale dos Sonhos, ou melhor, Vale Encantado como ele disse deixou a tropa em polvorosa. Ficaram uma tarde e uma noite a procurar por ele. Todos ficaram com medo que algum acidente grave pudesse acontecer a ele. - Juquinha, estou sabendo do seu novo sonho - Não Chefe, não é sonho. Zorrito me contou. E quem é Zorrito? - Meu amigo Chefe. Ele me procura sempre quando estou dormindo. - Juquinha, não vou estragar sua amizade com Zorrito, mas se você me aprontar mais uma sou obrigado a levar você a Corte de Honra e depois vou falar com seus pais. Garanto-lhe uma suspensão por meses. Juquinha assustou. - O que diria para Zorrito? Que não iria à Gruta do Gorila?

Juquinha procurou Nilo na casa dele. Explicou de novo tudo. Ele precisava de pelo menos um para ir com ele. Isto porque alguém precisava distrair Topyath enquanto ele pegava algumas pedras preciosas. - E quem é Topyath? Perguntou Nilo. O Gorila. Mas dizem que é fácil enganá-lo. Está lá a mais de mil anos! - Juquinha, acho que você está procurando ser expulso da tropa. O Chefe Carlos já me preveniu. Ele como todos nós adoramos você.

Mas um dia você vai colocar alguém em perigo e isto nós temos de evitar. E foi embora dizendo que ele estava proibido de continuar com aquelas tolices.

Juquinha quando colocava alguma coisa na cabeça não desistia. Continuou frequentando as reuniões, tomando belos tombos nos jogos pelo seu corpanzil que tinha mais gordura que tudo. Mas ele enfrentava qualquer um. Mesmo sabendo que iria perder ele não desistia. Ia bem na progressão. Todos achavam que ele ia conseguir fácil o Lis de Ouro. No final da reunião o Chefe Carlos disse que no feriado não iria ter reunião e a jornada da tropa não ia acontecer. Aconteceu um imprevisto e ele pretendia fazer um curso Escoteiro na capital. A tropa ficou triste, mas sabiam que era para uma boa causa. Juquinha vibrou. Agora posso programar minha ida a Colina dos Pastores sem que ninguém desconfiasse. Não queria ir sozinho, mas não podia confiar em ninguém da Patrulha.

Juquinha fez algum muito feio. Mentiu para seus pais. Esqueceu que o Escoteiro tem uma só palavra, e não contou que o acampamento do feriado fora cancelado. Procedeu como se fosse com a tropa. A sede ficava a dois quarteirões e seus pais não tinham o costume de levá-lo até lá. Saiu no sábado cedo. Levou a ração B para dois dias. Pretendia voltar no domingo. Foi sozinho. Puzt! Sozinho mesmo. Nunca tinha feito isto. Ele tinha muito medo do escuro. Pensou muito em não ir. Sabia que ia dar galho na volta. Mas a sede de aventura foi maior e o Zorrito vivia azucrinando seu ouvido para ir. Ele nunca conversou com Zorrito. Ele apareceu assim em um sonho como a empurrá-lo para uma aventura tremendamente perigosa. Ele sabia que Zorrito era produto de sua mente, mas então como podiam conversar?

Pegou a Rua que levava ao Curtume do Zezuel para evitar passar no centro da cidade. Foi beirando o Ribeirão da Chapada até a estrada do Capitão. Ele sabia que tinha de andar mais uns oito quilômetros até a subida da Colina dos Pastores. Às duas horas da tarde ele começou a subida. Era gordo. Mole para andar. Subia duzentos metros e parava. Às seis da tarde resolveu parar. Não sabia onde estava. Levou só uma lona. Custou a achar uns gravetos e acendeu um fogo. Fez uma sopinha só para ele. Rápido. Era mestre nisto. Começou a ouvir os ruídos da noite. Seus olhos ficaram arregalados. Um medo terrível. Claro que ele dizia para todos os escoteiros

que não tinha medo. Em seus sonhos ele enfrentava com coragem. Mentira. Agora o medo estava à flor da pele. Para onde olhava via uma figura. Achou que estava cercado de demônios de todos os tipos.

Abriu o saco de dormir. Enfiou dentro dele e se enrolou todo. Precisava dormir. Tinha de dormir. Sentiu que alguém puxava seus pés. Começou a gritar, alto, gemia, pedia pelo amor de Deus! Chamou sua mãe, seu Chefe. Não parava de gritar. Abriu os olhos e viu que era Zorrito. Maldito pensou. Porque não apareceu antes? Vamos Juquinha. Agora é a hora. Vamos aproveitar que o Topyath está dormindo. Juquinha tomou coragem e foi com Zorrito. Quem de longe observasse veria Juquinha conversando sozinho. Logo ele avistou a entrada da gruta. Pequena. Mal cabia ele passar deitado na entrada. Quando saiu do outro lado era enorme. Enorme mesmo. Um grande lago no meio. Caía uma pequena cascata do lado norte. Juquinha sorriu. Lindo este lugar. Poderia dormir aqui todas as noites pensou.

Tudo acabou para Juquinha. Viu do outro lado do lago Topyath. Era um Gorila enorme. Grande. Imenso! Estava em pé. Olhos vermelhos, cor azulada que lhe dava um aspecto tétrico. O Gorila não se mexia. Estava imóvel olhando para ele. Parecia uma estátua. Zorrito apareceu ao seu lado e disse que aquele era o Topyath. Contou-me que ele tinha mais de 1.000 anos. Topyath parecia ter um magnetismo em seu olhar. Juquinha começou a ficar tonto. Sem perceber caminhou na direção do gorila na trilha do lado do lago. Ficou de frente para ele. Juquinha desmaiou. Acordou sonolento em outra gruta. Quem sabe o prolongamento da primeira. Estava em um cercado de pedras. Seria fácil pular e fugir, mas ele Viu Topyath a menos de setenta metros. Viu também vários outros gorilas. Menores. Mas brincavam em volta dele.

Juquinha não sabe quantos dias ficou ali. Sempre vigiado. Zorrito tinha desaparecido. Maldito pensou Juquinha. Trouxe-me para esta enrascada e desaparece. Juquinha não sabia o que fazer. Um dia viu que um barulho parecendo um terremoto começou a acontecer na gruta. Viu que não havia gorilas brincando. Viu que Topyath sumira. Era sua hora. Pulou as pedras do seu cercado e procurou uma saída. Encontrou uma. Nem bem andou cem metros e parou embasbacado. A sua frente tesouros imensos. Um

pequeno salão que brilhava com o ouro, diamantes, esmeraldas, turmalinas. Tinha de tudo. Juquinha não se fez de rogado. Pegou uma enorme taça de ouro e colocou na mochila. Pegou uma turmalina e uma esmeralda. Sentiu um enorme safanão em suas costas. Meu Deus! Era Topyath!

Saiu correndo. Nem olhou para trás. Caiu em um riacho enorme com grandes corredeiras. Ele sabia nadar. Boiou. O riacho o levou por vários quilômetros dentro daquela montanha. Uma enorme cachoeira a sua frente. Não tinha como evitar, caiu, caiu e acordou com o Lino seu Monitor gritando. acorde Juquinha acorde. Pare de berrar! Atrás de Lino estava sua Patrulha e o Chefe Carlos. Olhavam para ele furiosos. - Os pais de Juquinha deram falta dele na segunda. Ele não apareceu. Era dia de aula. Correram a casa do Chefe Carlos. Ele sabia onde tinha ido parar o Juquinha. Chamou a Patrulha. Foram de carro até a subida. Não foi difícil encontra-lo dormindo. Sabiam que ele não aguentava andar muitos quilômetros. Juquinha olhou para o relógio. Meio dia. Dormira dois dias e meio. Não falou nada. Maldito Zorrito.

Chegou em casa e ouviu o que não queria. Ele merecia. Chefe Carlos só disse que sábado ele esperasse as providencias que seriam tomadas. Jogou o bernal em um canto do quarto. Chorou por uma semana. Amava o escotismo. Se o expulsassem ele preferia morrer. Se apenas dessem uma suspensão tudo bem. Juquinha era religioso. Rezou muito. Foi na missa das seis da tarde na terça, na quarta, na quinta e na sexta. O Chefe na quinta conversou com seus pais. Não contaram para ele o teor da conversa. Pela manhã de sábado foi fazer a limpeza na mochila e no bernal. Encontrou uma taça de ouro, uma enorme turmalina enorme e outra grande maior ainda, mas era uma esmeralda.

Juquinha foi suspenso por sessenta dias. Guardou nestes dois meses o seu segredo. Zorrito nunca mais apareceu. Um ano depois conversou com seu pai. Contou a história. Mostrou o tesouro que trouxe. Seu pai vendeu tudo. Ficaram ricos. Deram uma boa parte ao grupo que terminou a bela sede que construíram. Chefe Carlos ficou pensativo. Resolveu voltar lá com Juquinha. Foi com sua Patrulha e mais três chefes. Vasculharam tudo e não encontraram a tal gruta. Revisaram palmo por palmo. Nada. Não sabiam o que pensar. Voltaram à tardinha. Como sempre ele era o último da fila. Parou

para descansar. Olhou para uma pedra enorme no alto das colinas. Lá estava. Zorrito e Topyath acenando para ele e abaixo deles a entrada da gruta! Sorriu. Assustou-se com o Chefe Carlos o chamando. Estava dormindo de novo!

À riqueza trás a felicidade?

Prefiro viver na pobreza com felicidade e amor, do que viver na riqueza cheios de interesses, invejas, e sem amor e felicidade.

Marques Gabriel

O escoteiro Juquinha e sua maravilhosa noite de Natal

Melhor do que todos os presentes por baixo da árvore de natal é a presença de uma família feliz.

Não conhecia a vida de Juquinha. Contaram-me de sua maneira de ser, e como ficou conhecido por todos os escoteiros de sua região. Claro todos vocês conhecem alguém como ele em suas tropas. Ele era aquele que não para quieto nas formaturas, estava sempre rindo, adorava o escotismo, é o primeiro a chegar e o último a sair. Inconfundível.

Alguns chefes que procurei me disseram que tais escoteiros eram suas alegrias quando aos sábados encontramos aqueles jovens maravilhosos querendo ser cidadãos, valorosos, sonhadores, enfim, qualidades reconhecidamente de escoteiros espalhados por todo o mundo. Claro, tenho certeza que existem vários Juquinha em seu Grupo Escoteiro.

Juquinha, disseram, naquela época era bem gordo para sua idade. Se aproximando dos catorze anos. Na patrulha o chamavam de "meio quilo". Porque ninguém sabia. Risos. Deveria ser "uma tonelada". O tempo não ajudou Juquinha a emagrecer. Claro seu corpo se transformou, mas continuava a ser o último da patrulha nas suas andanças com a tropa em atividades aventureiras. A patrulha não se incomodava com isto. Sempre gostavam dele e acostumaram ao seu jeito de ser.

O que mais preocupava a patrulha era quando saiam para alguma atividade externa, onde sem transporte móvel, só podiam usar o "ETVV" (Empresa de Transporte Viação Vulcabrás - antiga marca de sapato usado por escoteiros exploradores - risos). Ou seja, a pé mesmo. Mas Juquinha estava aprendendo. Já estava caminhando para a primeira classe. Tecnicamente falando Juquinha era um "craque". Sabia tudo de tudo. Até seu chefe quando tinha dúvida perguntava a ele.

Juquinha era assim. Persistente, muito obstinado. Resolvia-se fazer uma coisa fazia. Logo após entrar para os escoteiros, me contaram que ele resolveu fazer um forno de acampamento. Ficou na historia. Sem ninguém saber fez um bolo de chocolate e que toda a tropa se deliciou. Era escoteiro nato. Tinha um defeito. Era um sonhador. Ri quando me contaram. Ele acreditava mesmo nos seus sonhos. A história das Escarpas Pantaneira quando ele sumiu ficou gravado na mente de todos que lá estiveram. O que ele contou deixou a todos boquiaberto. Mas isto é outra historia claro a primeira historia de Juquinha em busca do vale dos sonhos.

Aquele fora um sábado alegre para todos menos para Juquinha. Ultimo dia em que a tropa se reunia, pois nas férias escolares ela também entrava em recesso. Ninguém tinha a menor dúvida que os chefes precisavam de um descanso para si e suas famílias. Todos entendiam, mas Juquinha não. Para ele o escotismo não podia parar. Como todos os anos ele já tinha planejado o que fazer com mais quatro amigos da patrulha e dois de outra. Nada que oferecesse perigo, e de pleno conhecimento de seus pais.

Juquinha tinha passado na padaria do bairro, pois sua mãe tinha encomendado uma sacola de pães e outros tipos doces, pois como era sábado ela iria fazer um lanche. Conhecia todos lá. Quando chegava de uniforme o olhavam e o saudavam com o Sempre Alerta. Juquinha era bem querido. Sorriu com a sacola do lado para todos e saiu da padaria cantando o "Acampei lá na montanha" Era a preferida dele. Nem reparou no garotinho magro, raquítico, com as roupas em frangalhos e com um canivete enorme em suas mãos o ameaçando.

Foi um susto. Ele pediu a sacola de pão ou matava Juquinha. Sumiu na esquina com a sacola. Correr não adiantava, ele sabia que não era rápido. Gritar achou que não era bom. O ladrão podia voltar e o ferir com o canivete. Deixou que ele levasse os Paes. Voltou à padaria e comprou outra fornada. Riram quando ele contou o que aconteceu. Disseram a ele que não era a primeira vez que o ladrão de pão tinha atacado.

Em casa contou para sua mãe que o tranquilizou. Ela sabia o filho que tinha. Juquinha ficou pensativo. Começou a andar pelos arredores até que uma tarde o viu próximo a mesma padaria. Viu quando ele ameaçou uma senhora e tomando da sacola de pão saiu em disparada. Juquinha tinha se colocado na esquina do outro lado e viu que ele parou de correr e andar normalmente. Era seu truque. Não ser confundido com um ladrão correndo. Juquinha a uns cem metros atrás o seguiu. Ele entrou em uma viela. Parou olhando os dois lados da rua e entrou num casebre.

Viu uma menina de uns três anos e outro menino de dois. A mãe chegou à porta e chamou os dois. Juquinha tomado de coragem bateu a porta. Ela a mãe o olhou assustada. Juquinha contou o que tinha acontecido. Ela começou a chorar. Disse que era culpada. Era doente, não tinha marido, não conseguiram a bolsa família, e até a escola não aceitava mais seu filho. Diziam que ele era um ladrão. Juquinha estava com os olhos cheios de lágrimas. Sua garganta estava seca.

Prometeu à senhora que não iria contar para ninguém, mas ela precisa tomar uma atitude, um dia seu filho poderia ser morto tudo por causa de uns poucos pães. Foi para casa inconformado. Achava que a vida era boa para alguns e ruim para outros. Ele tinha tudo eles não tinham nada. Sua mãe contou-lhe um dia que o novo presidente do país disse que não iria descansar enquanto houvesse um brasileiro sem comida na mesa. Seria seu compromisso e pedia ajuda a todas as instituições, todos os partidos, universidade, imprensa e da juventude. Ele era da juventude escoteira e não tinha feito nada.

Resolveu fazer alguma coisa. Juquinha era assim. Agora não iria desistir jamais do seu intento. Não falou para sua mãe. Nem com seus amigos. Iria dar um natal aquela família que ela nunca tivera na vida. Planejou tudo. O que comprar como levar até eles na noite de natal. Mas o principal ele não tinha. Condições financeiras para abarcar a compra. Não desistiu. De manhã saiu à procura de uma solução.

Parou em frente a um grande Banco muito conhecido na cidade. Entrou e estava apinhado de gente. Procurou o guarda e disse que queria falar com o gerente. O guarda o olhou com aquele olhar arrogante, como se ele não fosse ninguém. Era apenas um menino. Disse que ele tinha mais o que fazer, nenhum gerente ia atender a um menino. Juquinha não gritou. Sabia e cumpria a lei escoteira. O escoteiro é Cortez, educado, sabe

à hora certa de dizer desculpa meu amigo, muito obrigado, tudo bem. Eu entendo.

Foi para casa. Vestiu seu uniforme escoteiro. Colocou seu chapéu de abas largas, verificou se seu meião estava com a linhagem correta. Seu lenço bem preso com o anel de couro. Pegou seu bastão. Há tempos não o utilizava. Voltou ao banco. O guarda o olhou de novo e não queria deixá-lo entrar. Ele ficou ali na porta em posição de descansar com seu bastão apumado. Todos que entravam ele dizia - Quero falar com o gerente. O guarda não deixa. Dizem que não atende meninos.

Um repórter viu aquilo e gostou. Perguntou o que ele queria com o gerente. Juquinha disse que era uma conversa particular. O repórter insistiu e Juquinha foi inflexível. O repórter ligou para sua emissora. Vieram dois camara-men. Começaram a filmar. Logo uma multidão se formou em frente ao banco. O Presidente da Instituição financeira viu tudo pela televisão. Ficou abismado. Ligou para o gerente do banco. Juquinha foi convidado a entrar.

O Diretor Técnico, o chefe da tropa, o Comissário Distrital e até o presidente regional viram tudo também e correram para o banco. Juquinha pediu ao gerente que não deixasse nenhum deles entrar. Era um assunto de homem para homem! O gerente começou a gostar daquele escoteiro gordo e sua obstinação. Quase riu quando ele disse o que queria. A quantia não era pouca e teria que ser exata. Juquinha disse que tinha quer ser tudo. Ele não tinha nada.

O gerente ligou para o Presidente do Banco. Este autorizou e queria fazer um grande marketing em cima do episódio. Juquinha disse que se fizessem propaganda ele não queria nada. Tinha de ser confidencial. O gerente ligou de novo para o presidente. Este tinha sido escoteiro. Sabia o que era um escoteiro. Tem uma só palavra, sua honra vale mais que a própria vida. Autorizou o pedido. Juquinha levou o dinheiro vivo. A porta do banco centenas de pessoas. Outros repórteres. Ele não disse nada. Seu pai veio correndo. Juquinha entrou no carro e partiram.

Interessante como se desenrolam os fatos quando são dedicados para o bem. Na noite de natal, Juquinha e todas as patrulhas de sua tropa marchavam pela rua em direção à casa do menino ladrão de pão. Em frente à casa, começaram a cantar a canção da promessa, depois cantaram noite feliz e a família assustada ficou da janela olhando

desconfiada. Juquinha foi até lá. Convidou todos eles. Fizeram um círculo. Sentaram como se senta em um Fogo de Conselho sem fogo. Foi montado.

A patrulha de Juquinha representou o nascimento de Jesus. Outra patrulha os Três Reis Magos e outra imitou o sermão da montanha, onde Jesus se dirigiu a uma multidão falando de seu reino. O bairro inteiro estava em volta dos escoteiros. Todos aplaudiram. Juquinha trouxe um bolo de chocolate. Ele tinha feito. Repartiu um pedacinho com todos em volta. Não deu para todo mundo.

Terminou o Fogo de Conselho. Os automóveis dos pais dos escoteiros começaram a chegar abarrotados. Pães, doces, caramelos, bombons, balas de mel. Pedações de ilusões perdidas, mas uma luz de esperança. Eles não sabiam, mas achavam que Juquinha era o Papai Noel. Aquelas guloseimas coloridas, eram retalhinhos de sonhos de uma vida. Eram visões douradas dos filhos da família pobre.

Mas não terminou aí. Vários brinquedos, muitas roupas, todas novas compradas e muitas doadas por generosos lojistas do bairro. Juquinha entregou um cheque para a mãe pobre de mais de trinta mil reais. Disse que era para começar uma nova vida em sua cidade do norte, pois ela havia contado que queria voltar para lá e viver em um pequeno sítio. Uma palma estrondosa da multidão. Olhe quem estivesse lá, nunca esqueceria. Tinha mais de setecentas pessoas. Todos rindo, cantando, uma festa para a família pobre.

Não havia mais o rosário de ilusão e a frustração daquela família ficou distante. As brumas embaçadas do tempo se foram como o vento em direção ao mar. O menino ladrão de pão chorava. Dizia que nunca mais, nunca mais faria aquilo novamente. Juquinha o abraçou. O menino arrependido lhe deu seu canivete que usava para assaltar de presente. Juquinha aceitou. Retribuiu dando a ele um uniforme completo de escoteiro que havia comprado na cantina escoteira.

A imprensa chegou. A festa acabou. Ninguém conversou com os repórteres e jornalistas. As notícias foram picotadas no jornal noturno. A lembrança daquela noite nunca ficou apagada. Não houve festa na tropa. Não era para ter. Faz parte do escotismo. Juquinha sorria. Chefe, ele disse. - Eu fiz minha boa ação! Nada mais que isto. Uma pequena boa ação! Um dia quem sabe vou fazer uma maior!

O menino arrependido cresceu. Misericordiosas lembranças. O menino ladrão de pão nunca esqueceu aquela noite. Agradecia todo natal a Deus todo Poderoso, por haver transformado o menino ditoso neste homem feliz que hoje sou eu! Um dia voltei naquela cidade. Não encontrei Juquinha. Ninguém sabia onde poderia encontrá-lo. Eu o trago no meu coração. Ele me deu outra vida. Graças a Deus e a ele agora sou um doutor. Formei-me e todos os anos nunca deixo de fazer o meu natal de Fogo de Conselho para os pobres meninos da vida.

Anônimo

"Oração de Natal de um órfão de guerra"

Papai Noel, você que não se atrasa.
Na visita anual que faz a terra
Veja se faz voltar à minha casa,
O meu papai que foi lutar na guerra.

Vê se você que pode mais que a gente
E que tem uma força sem igual,
Traga-me agora este presente
Nesta noite milagrosa de Natal!

Ele partiu em uma noite estranha
Que da lembrança nunca mais me sai,
Disse que ia lutar na Alemanha
E desde então não vejo mais papai.

Ele escrevia sempre, Mamãe lia,
Suas cartas, baixinho... Devagar...
Eu voltarei em breve - ele dizia
Que esta guerra está preste a acabar.

Depois passaram dias, muitos meses.
E notícia alguma de papai não veio
E mamãe, na maior das agonias,
Esperava a passagem do correio.

Nada vinha, o silêncio era completo.
E até hoje, eu nem sei bem.
Mamãe passou a se vestir de preto
E nunca mais sorriu para ninguém.

Até que um dia, com a última batalha
- E só de lembrar o coração me dói
O correio nos trouxe uma medalha
Com as cinco letras da palavra - "Herói"

Papai Noel, meu santo e bom paizinho
Porque isso na minha alma me corrói
Se os tais heróis não voltam para casa
Será que vale a pena ser herói?

E ele dormiu... Abraçado ao retrato
Sonhando sonhos de venturas mil,
Acordou e viu de manhã em seu sapato
UMA ENORME BANDEIRA DO BRASIL!